

MR



ILUSTRACÃO
PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

edição semanal do jornal «O SÉCULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Século, 43, LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

Porque não aperfeçoa o seu nariz?

Utilizando o nosso pratico aparelho **Zello-Punkst**, pôde v. modificar a estrutura deiteu-sa do seu nariz. O meio é simples, não dá incomodo neuhum, porque a sua acção correctissima activa durante o sono. Um nariz bem conformado dá um belo aspecto a todos os rostos. Peça folhetos descriptivos ao **Instituto Ortopédico** Sabaté y Alemany, Canuda, 7 Barcelona. (Espanha) enviando uma estampilha postal de 20 centavos.



Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.ª L.ª**

R. Nova do Almada, 6. 2.ª

Telefone 2536

LISBOA

TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados produtos d'esta
ACADEMIA DE BELEZA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"
Rua do Século, 43 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



SUA SANTIDADE BENTO XV

UMA DAS FIGURAS MAIS NOTÁVEIS DA EGREJA, EM TODOS OS TEMPOS, FALECIDO EM 21 DO CORRENTE

Aquela mulher de azul

AQUELA mulher de azul, que tinha entrado no Largo das Duas Igrejas, nada tinha de notavel senão o ser tão completamente azul. A expressão, era a expressão banal de todas as bonitas; uns cabelos quaisquer, perdidos sob o *abat-jour* negro do grande chapéu de abas amplas; um nariz qualquer, sereno, alinhado, muito no seu logar; uma boca rosea e placida, que talvez pudesse ter encantamentos vermelhos se uns labios anciosos a mordessem; e uns olhos azues, fixos, cõr de scenario de primavera, incharacterísticos e nostalgicos.

E, contudo, interessava-me aquella mulher de azul... Na sua fragilidade minima, que a tornava uma boneca esbelta e quebradiça — havia um apêlo a suplicar auxilio, havia uma imploração a procurar amparo. Quando ela se içara, entre a onda, até á plataforma densa do electrico — tinha sido comprimida, amachucada por todos, como uma pobre, uma humilde estatua de cêra. Ela já não estava como viera. A multidão tinha-a modelado abruptamente, cruelmente deformando-lhe as linhas, violentando-lhe as fórmulas. Prisioneira dos homens brutais que a atropelavam, a tornavam uma lamina franzina — aquella mulher de azul era uma destrocada, uma naufraga...

Com os meus pulsos enervados eu fiz o possivel por lhe arranjar uma clareira, uma clareira onde ella coubesse á vontade, onde ella possesse espanejar a sua gracilidade *mignonne* e amedrontada. Esse meu esforço, em que ella nem reparou, fez-me reparar mais nela, fez-me sentir paladino, fez-me sentir, um pouco, amoroso. E olhei-a, com ternura, devotamente...

Não. Não era como as outras. Não se distinguia das outras apenas pelo vestido azul, pelos olhos azues, pelas palpebras azues.

Havia alguma coisa a mais, alguma coisa diferente. A boca tinha uma curvatura mansa e dolorosa — uma curvatura que denunciava um martirologio. As pupilas, no ar tímido e ávido com que se humedeciam numa scisma calma — davam, sem querer, uma confissão, uma confissão de isolamento e de descrença. Aquella mulher de azul devia ser uma solitaria, uma desaparecida, alguma para quem a vida era uma viveuz... E em frente dela, sem nada saber dela e visionando tudo, eu sentia-me azul tambem, espiritualmente, com impulsos biblicos de bondade e de renuncia.

Lembrei-me da serenidade admiravel dum interior suave, onde houvesse o resplendor ceruleo daquelle grande olhar e daquelle pequeno vulto azul... Senti o balsamo daquelle caricia azul quando, numa hora monótona de tédio ou numa hora morbida de derrota, aqueles braços fossem, nos meus braços, hastes de nacar e de sêda e aquella alma fôsse, sobre a minha, uma enorme claridade azul... Embalei-me, perdi a noção banal do electrico rolando, do *puzzle* meteórico das ruas a desfilar, como uma ribalta em frizo — e deixei partir, para o espaço, para a inverosimilhança, o balão doído da Imaginação, o balão doído, o balão azul...

Numa paragem, aquella mulher desceu, fez-se linha, fez-se pétala, fez-se espuma, para poder passar entre a multidão compacta. E desceu, indifferente, miniatural, alheia...

O electrico partiu. Esquecido, anestesiado, eu continuei a segui-la com a vista, a querer ainda prendê-la, subjuga-la, com a minha vista inutil...

E ella desapareceu, sumiu-se na tarde, sem pensar que por momentos fôra a minha Vida, entrara no meu Sonho... E aquella mulher de azul ficou sendo, para mim — paisagem, clarão, horisonte, distancia, distancia azul...

JOÃO AMEAL

ALFREDO Pimenta, distinto colaborador da «Ilustração Portuguesa», uma das figuras marcantes do momento, acaba de publicar o «Livro das Chymerras», livro dum raro artista, obra que os olhos reconhelem e que a alma agradece... O nosso critico literario ocupar-se-ha, a seu tempo deste livro. No proximo numero da Ilustração a «Entrevista da semana», pertencerá ao ilustre poeta.

Por hoje não queremos deixar de transcrever um dos mais belos sonetos do livro:

PARA QUÊ

Revelar um segredo — para quê?
Para quê decifrar o enigma extranho
Que escondido em meus labios eu contengo,
Que só eu sei, e que ninguém mais vê?

Dizer o que a minha alma escuta e crê,
Este sonho que em flor na alma tenho,
Sonho para onde vou, e donde venho,
Dizel-o e revelal-o, — para quê?

E se o meu coração vive isolado,
Abandonado coração magoado,
Neste tumulto de um viver sem fé,

Que importa aos outros o que sonha e sente?
E se elle sonha misteriosamente,
Decifrar-lhe o misterio — para quê?

— M qualquer casa de chá: Discute-se a literatura espanhola. Há uma senhora que está pontificando, que está denunciando na conversa, uma cultura vulgar...

— Conhece as Sonatas de Valle-Inclan — pergunta alguém, timidamente.

— Não, não conheço... — responde a heroína da anedota — Nem mesmo sabia que Valle-Inclan era musico...

FECHA no dia 31 de Janeiro, no Salão da «Ilustração Portuguesa», a exposição Carlos Porfirio que tanto interesse despertou e que pôs em relevo uma admiravel personalidade.

A «Ilustração Portuguesa» começará a publicar no seu proximo numero, ilustrado por Bernardo Marques, o «Elogio das Horas» de Antonio Ferro. Algumas das Horas já foram publicadas no «Jornal», mas só agora vão ter a sua fórma definitiva. A proposito, para não fugir á indole da secção, conta-se uma anedota. Antonio Ferro iniciou a sua colaboração no «Jornal» com o «Elogio das Horas». Alguns mezes depois fizeram-no director desse jornal, substituindo o velho e grande jornalista Joaquim Madureira (Braz Burity). Afonso de Bragança, ao saber a noticia, teve este comentario:

— O Antonio Ferro, director do «Jornal»? Quem diria!... Ele que entrou para lá a fazer horas...

SANTA RITA PINTOR tinha o genio da *blague*. Os mais prevenidos contra essa *blague*, caíam nela, sem hesitar. Santos Tavares, no entanto, defendeu-se um dia. Santa Rita Pintor, tendo-lhe sido apresentado, interpelou-o:

— Ainda bem que o conheço, meu caro amigo... Andava, ha tanto tempo, com vontade de lhe fazer uma pergunta, de desfazer uma duvida. Sei-o dado a coisas de historia... Dizem para aí, com insistencia que, afinal, não foi o Pedro Alvares Cabral que descobriu o Brasil... Será verdade...

Santos Tavares fitou-o, percebeu a intenção, e fez sorrir Santa Rita, pintor, com esta resposta:

— Calunias, meu amigo, calunias...

TEATRO NACIONAL



“O CENTENARIO” PEÇA EM TREZ ACTOS DOS IRMÃOS QUINTERO

O Teatro dos Quintero que não me entusiasma como concepção, entusiasma-me como ambiente... E' um teatro alegre, saudavel, um teatro-jardim... Os Quintero são os dramaturgos da alegria, de uma alegria que, por vezes, soluça para rir mais alto depois. As peças dos Quintero tornam-nos optimistas, põem-nos sol na alma... Nos primeiros minutos, após a representação de uma peça dos Quintero, todos nós somos felizes. Recordo-me bem da minha impressão ao ver, pela primeira vez, interpretado por Rosario Pino, o «Genio Alegre». O coração vibrava-me como um sino grande. Todo o meu peito era um carrilhão festivo... Sentia-me noivar com a vida...

*

«O Centenario» não é uma peça para durar cem anos, é uma peça para viver algumas horas felizes, algumas horas enternecidas. E' uma peça para os olhos e para a alma. O cerebro nada tem que ver com ela. A plateia do «Centenario» é uma plateia de bons... Ninguém consegue ser mau vendo esta peça... Os maus envergonham-se de o ser, os bons vêem «O Centenario» com os olhos humidos... Esta peça dos Quintero é o elogio das vidas serenas, das vidas onde os dias deslizam, cristãmente, como as contas de um rosario... E' tambem, mais uma vez, o elogio do Amor, a maior força viva da natureza.

Ha uma figura bem traçada nesta peça, a figura do «Centenario». Todas as outras figuras, frutos juvenis de uma velha arvore, vivem do «Centenario», são ainda traços do desenho da figura principal... Um ou outro personagem episodico é dado com felicidade; assim a D. Filomena... E' uma caricatura mas uma caricatura perfeita.

*

O desempenho do «Centenario» é dos mais completos que tenho visto, ultimamente. José Ricardo fez do «Centenario» uma obra prima de interpretação justa. Conseguiu ter cem anos e não ser tropeço... José Ricardo é um grande actor que tem andado deslocado em papeis que estão muito abaixo da sua categoria artistica. Não deve sair mais do Nacional. Aos cem anos, espero vê-lo fazer a sua festa artistica com o «Centenario»...

Ilda Stjchini, uma das feias mais lindas que eu conheço, consegue dar toda a frescura ao seu papel insignificante. Tem gestos, tem atitudes que sabem a cravos... Da sua bôca musical, como da bôca de certa princesa de um velho conto, saem flores... E' preciso não esquecer as *toilettes* de Ilda Stjchini, *toilettes* luminosas e claras, *toilettes* que obedecem, modestamente ao seu corpo... Laura Hirsh irritante, irritante por ir muito bem. Augusta Cordeiro discreta e representando com muita correcção.

Rafael Marques, um actor excelente, conseguiu dar relevo a um papel que o não tinha, um papel que os Quintero não souberam ou não quiseram escrever, feito por dois processos, metade a rir, metade a sério... Joaquim Costa com muita pena do seu papel não se prestar a fazer rir mais o publico... Jorge Grave foi certo. O scenario de Campos e Oliveira é agradável, equilibrado e justo.

E aqui está o «Centenario» a quem não profetiso cem representações, apenas por não se tratar de uma revista...

ANTONIO
FERRO



O pintor espanhol Joaquim Sorolla. Apontamento de Azevedo e Silva

ANTONIO GONÇALVES DE AZEVEDO E SILVA A OBRA EDUCATIVA DE UMA MÃE

O malogrado pintor Azevedo e Silva, que a morte surpreendeu há pouco na flôr da vida e na febre da actividade, era um dos novos de mais sólida educação moral e artística e, por conseguinte, de maior futuro. Para ele, a arte nunca perdia de vista a natureza para nos dar o belo, não esse belo de que os estetas tiveram a obsessão, caindo em exageros e acabando por concebê-lo sob as formas mais singulares e extravagantes, mas o belo que nos arrebatava, que nos comove, porque o sentimentos logo e nos fere com a forte impressão da verdade.

Primeiro que atacasse a tela com o seu pincel fácil e firme, Azevedo e Silva observava bem e sentia. Não havia detalhe característico que escapasse ao seu penetrante espirito de observação; nem expressão, por mais delicada e difícil de traduzir, que não se objectivasse nitidamente na sua fina sensibilidade de artista. As suas composições saíam-lhe do lapis ou do pincel já proporcionadas e harmonicas nos seus elementos, contrastadas na luz e na sombra, vivas no colorido, quentes na irradiação da essência íntima dos assuntos. Recebiam retoques que as acentuassem, mas não sofriam emendas que lhes esmorecessem o cunho da espontaneidade ou lhes tornassem indecisa a factura. Os trabalhos de Azevedo e Silva lembram os do orador e do literato de genio, que traçam, dispõem, coordenam e ornamentalmente os seus discursos, que pronunciam sem uma hesitação, e os seus artigos, que escrevem sem uma rasura.

Ao labor sem tréguas no seu atelier, ansioso da perfectibilidade, o infeliz moço juntava o estudo das obras dos grandes mestres e o da historia da arte. Ninguém diria que, com a facilidade, com que fizera os seus estudos preliminares e a parte oral e pratica do seu curso e com que travara muitas relações em Portugal e no estrangeiro, Azevedo e Silva era um surdo de nascença e, por isso, estava condenado a

uma mudez de que, felizmente, só conheceu os horrores nos seus primeiros anos; porque os recursos da moderna pedagogia, auxiliados pelos supremos e milagrosos esforços de uma mãe inteligente e capaz de todos os sacrificios, que se converte em mestra e educadora de seu filho, restituíram-lhe a fala que lhe havia negado a natureza.

Já em vida de seu pae, o sr. José Gonçalves da Silva, que ele perdeu aos dois anos e meio, havia a torturante desconfiança de que Azevedo e Silva não era dotado de audição. Consultaram-se as maiores sumidades medicas, que até aos 5 anos deixaram ainda entrever a esperança de que se tratava de uma grande fraqueza do orgão auditivo. Perdida esta esperança com a reconhecida inefficaciedade dos melhores tratamentos, sua mãe a sr.^a D. Albina de Azevedo e Silva e seu tio o prior Sousa Azevedo trataram de lhe arranjar os mais autorizados professores da especialidade, como foram Anicet Fusillier e Pavão de Sousa, ambos já falecidos.

A desolada senhora não succumbiu: ergueu-se num arranco heroico de coragem contra a sua desgraça. Cortou com o mundo para viver exclusivamente para o filho, num absorvente aneio de lhe ouvir um dia a voz, de trocar com ele essas palavras de amor e de ternura, a que uma mãe deve as mais inefaveis e inesquecíveis vibrações da sua alma; de resgatar aquela intelligencia do carcere da mudez, em que se debatia, para as alegrias da familia e para o pleno exercicio dos seus direitos e dos seus deveres civicos.

Acompanhou sempre a sr.^a D. Albina com muita assiduidade e cuidado as lições dos professores e não tardou a converter-se tambem em professora, secundando poderosamente a obra deles. Trabalho admiravel! O surdo-mudo, como se se tratasse dum milagre de ressurreição evangelica, appareceu um dia a falar como todos nós, não ficando repressados no seu coração, nem no seu espirito, sentimento, idéa

ou raciocínio, que ele não soubesse transmitir nos seus justos e bem coordenados termos. O mais admirável e comovedor de tudo era que, enquanto ele precisava de ler nos nossos lábios para perceber o que dizíamos e sustentar o diálogo, para conversar com a mãe não era preciso fazê-lo. Até á noite, sem luz, falavam e compreendiam-se como se ele ouvisse! E vão lá explicar por que fluido misterioso ou por que novos fenomenos das ondas sonoras se dava este assombroso facto!

Se temos insistido um pouco neste exemplo, é para que vejam nele tantas pobres mães atingidas da mesma infelicidade. Lutem com coragem, fé e persistencia, porque não de triumphar. E oxalá que, depois desse triumpho, a morte desapiadada não lhes roube a obra do seu amor, do seu trabalho e da sua dedicacão, como succedeu á desafortunada mãe de Azevedo e Silva.

Adquirida a fala, o talentoso pintor seguiu rapidamente os seus estudos. Fez exame de 1.º e 2.º grãos com a classificacão de *distinto*; com a mesma classificacão fez exame de francês na Escola Marquez de Pombal que lhe era necessario para o curso de pintura historica que ele concluiu brilhantemente na Academia das Belas Artes, onde professores e condiscipulos, como aliás todos os que o conheciam, o estimavam pelo seu belo caracter, pelo seu formoso talento e pelo seu convívio afavel e sincero. Os seus modos insinuantes, o seu rosto simpatico, franco e aberto, como um livro, a todos os sentimentos bons que lhe iam na alma, cativavam logo ao primeiro aspecto e infundiam confiança.

Lembrou-se ele um dia, em 1919, de ir visitar os museus de Madrid e estudar um pouco neles. Partiu sózinho e sem a menor carta de apresentacão. Os primeiros pintores hespanhois que encontrou acabaram por ficar seus amigos. Um deles, e ben illustre, o sr. D. Joaquim Sorolla, chegou a levá-lo para sua casa, onde o obsequiou afectuosamente, e no jardim, Azevedo e Silva, com grande apreço do mestre, fez-lhe um *croquis* em alguns minutos, denotando rara firmeza e rapidez de trabalho. De resto, já o novel pintor se revelara desde os primeiros tempos do seu curso um desenhador de excepcionais aptidões. Além dos trabalhos iniciais nas aulas, é ver as caricaturas flagrantemente que ele fazia dos seus pro-

fessores e dos vultos mais em evidencia naquele tempo.

Apesar de ter morrido aos 32 anos incompletos, a obra de Azevedo e Silva é relativamente consideravel. Trabalhava muito, trabalhava sempre. Os criticos de arte e os amadores de quadros apreciavam-no de veras nas exposições a que concorria, encontrando se hoje um bom numero de quadros seus em poder de particulares. Reproduzimos hoje alguns dos que restam no seu *atelier* de Bemfica, estando já um deles oferecido á Casa Pia de Lisboa, esse modelar estabelecimento de educacão e ensino, que tantos serviços tem prestado aos orfãos desprotegidos, transformando-os em cidadãos uteis, e pelo qual Azevedo e Silva tinha uma profunda simpatia, que lhe era retribuida por professores e alunos do mesmo estabelecimento.



O ultimo retrato de Azevedo e Silva

Esse quadro intitula-se *A' hora do descanso*. Tudo nele é tipico, inconfundivel, rigorosamente observado e, consequentemente, verdadeiro. Verdadeiro nas atitudes, nas expressões, no scenario. Sente-se nele a questão social, que se agita, que se ergue, que avança como uma onda rugidora no caminho das reivindicacões.

E não ha um só quadro de Azevedo e Silva, em que ele não desentranhe, a uma luz de tons soberbos, tudo o que sentem as suas personagens e não

frise o que tem de belo quanto as rodeia. Reparem na costureira, que largou o trabalho extenuante para ir á janela falar ao namorado, recebendo em cheio um raio de sol que lhe doura o cabelo e lhe tonifica a pele do rosto estiolada pela vida caseira e sedentaria, não lhe faltando o ambiente alegre dos classicos vasinhos de flores no peitoril da janela e da não menos classica gaiola com um canario, cujos gorgeios

fazem certamente uma deliciosa harmonia com os requebrados protestos de amor que a sua dona desfere da janela abaixo, talvez da altura de um quinto andar.

Vejam se ha reproduçãõ mais flagrante do caso, com que a cada hora topamos na rua, do garoto a fumar o seu primeiro cigarro, não podendo disfarçar a careta que provoca o travo nauseante da nicotina, mas mostrando simultaneamente o ar de tenacidade presumida com que promete ser brevemente um homem por já saber fumar.

O quadro do *Bom Samaritano* seria em qualquer



A' hora do descanso

meio artístico sempre um excelente quadro: bem sentido e melhor estudado na sua execução, que é primorosa quanto a desenho e quanto a colorido. No rosto do homem atacado pelos bandidos ha sofrimento, ha angustia; nele está impressa a dor e o infortúnio que se impõem á piedade e ao socorro. Na figura, impecavelmente perfeita do Samaritano, que lhe acudiu, bemdiz-se a compaixão e a caridade, os maiores apanagios do coração humano.

Mas o que se não vê e que mais espiritualmente ressalta da agonia de um defrontada com a humanidade do outro é a indiferença desumana, com que um sacerdote e um levita passaram pelo desgraçado, estendido meio morto na estrada de Jerusalem a Jericó, como se passassem por um cão vadio. Não podia ser

mais fina e belamente interpretada a formosissima lição da parábola do Evangelho.

Já fomos, porém, mais longe do que tencionavamos. Não pretendiamos sequer analisar a parte, que reproduzimos, da obra de Azevedo e Silva. Como a *Ilustração Portuguesa* foi registando todos os progressos que ele fazia na sua carreira artistica, não nos parecia justo, para a memoria de quem tanto lhe queria, que ela deixasse de registar tambem a sua perda, que, sem duvida, foi grande para a arte portuguesa, mas muito maior, imensamente maior, para uma mãe que só dele e para ele vivia e que, atordoada pela maior dor humana, ainda lhe custa crer que ele morresse e não volte mais ao apêlo aflitivo do seu coração.

ANTONIO MARIA DE FREITAS.



O primeiro cigarro

OS CARTAZES DA HORA



O ROUBO DO «DRAGÃO DE PRATA»

Este caso do roubo da ourivesaria do «Dragão de Prata» que passou como um *fait-divers*, ha-de ficar como um cartaz, como um cartaz da Hora. Na rua Alves Correia, durante a noite, com a maior tranquilidade, os ladrões, ladrões com escola de cinema, abriram um buraco na porta ondulada duma ourivesaria por onde se introduziram para roubarem valores na importância de 20 contos. Octave Mirbeau, na sua peça «Scrupules», adivinhou esta hora estranha em que se rouba como se passeia, com a mesma naturalidade, com o mesmo socego de alma. O personagem da peça de Mirbeau é um gatuno de casaca, um *gentleman* que se dedicou á profissão de roubar e que assalta pela noite,

como quem vai para uma entrevista de amor, as casas dos seus companheiros de *club*. Por um pouco, este personagem de Mirbeau, não punha nos seus cartões de visita: «Fulano de Tal—Gatuno». Em Lisboa, como em Madrid, como em Paris, como em todas as grandes cidades, o roubo parece estar na moda, roubos como o do «Dragão de Prata» que seriam audaciosos se não começassem a ser banais... O «Dragão de Prata»... Que ironia, que ingenuidade... Já não ha dragões que metam medo... A este «Dragão de Prata», pelo menos, comeram-lhe as cabeças... A epoca do cinema está a passar. A Rua começa a fazer-lhe uma concorrência perigosa...

A GREVE DOS ELECTRICOS



Em Santo Amaro. A estação guardada



Um aspecto do Rocio durante a greve



O PINTOR ANTONIO SOARES, UM DOS VALORES INDISCUTIVEIS DA NOVA GERAÇÃO, VAI ABRIR UMA EXPOSIÇÃO NA ILUSTRAÇÃO. OS LEITORES DESTES «MAZINE» CONHECEM JÁ PERFEITAMENTE ESTE NOME. ANTONIO SOARES É O AUTOR DE ALGUMAS ADMIRAVEIS CAPAS DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA» QUE MARCARAM, PELA SUA ELEGANCIA E REQUINTE. ANTONIO SOARES, NO ENTANTO, NÃO É APENAS UM GRANDE DESENHADOR DE MUNDANIDADES, É TAMBEM UM PINTOR, UM PINTOR QUE O PUBLICO VAI CONSAGRAR DEFINITIVAMENTE NA EXPOSIÇÃO DA ILUSTRAÇÃO. O DESENHO QUE HOJE DAMOS, DUM REGIONALISMO-SINTESE, É UMA GARANTIA DAS NOSSAS PALAVRAS. A EXPOSIÇÃO DE ANTONIO SOARES VAI CAUSAR UMA GRANDE SENSAÇÃO.



O VENTRILOQUO

O ventríloquo, o homem das muitas vozes, o homem-multidão, tomava muito a sério os seus bonecos, os bonecos de que ele era o Jehovah... O ventríloquo tinha tantas almas como vozes. Cada boneco era uma alma sua. A força dos distinguir, a força de lhes emprestar uma personalidade, foi-os humanizando, sem querer, sem dar por isso... Um dia surpreendeu-se, a bater num dos bonecos, no «Toureiro», com raiva, com sinceridade, com exaspero... O motivo tinha sido uma resposta agressiva do boneco. O ventríloquo, sem reparar, fôra dando forma aos seus sentimentos. Os seus bonecos eram estados de alma—com cabeça, tronco e membros. O «Toureiro» era a sua arrogancia, como o «Sacristão» era a sua bonhomia, como o «Preto» era a sua infantilidade, como o «Faz-Tudo» era o seu desequilíbrio, como a «Menina dos caracoes» era a sua ância de amar... De resto, todos nós somos ventríloquos. Simplesmente os nossos bonecos falam baixinho e não se vêem...

O ventríloquo começou a ter medo dos seus companheiros de trabalho. Já não olhava para êles com muita segurança, já não os deixava ficar no quarto... Durante os espectáculos estava sempre com receio de que eles o deixassem ficar mal... A's vezes desconfecia-se, fazia-os dizer frases que o ridicularisavam, que obrigavam a plateia a rir-se d'êles... O publico dos ventríloquos esquece-se dos ventríloquos, só dá atenção aos bonecos, torna-os responsaveis de tudo quanto eles dizem... O ventríloquo andava apreensivo, triste, com medo de si proprio... Já tinha medo de trabalhar, recusou mesmo alguns contractos. O seu grande pavor era encontrar-se um dia dominado pelas suas vozes intimas, perdido como num labirinto, sem poder encontrar o caminho para si. O «Toureiro», acima de todos, assustava-o. Era o espada da quadrilha... A «Menina dos caracoes», em compensação, olhava-o com ternura, com piedade, com um certo amor... O ventríloquo foi-se-lhe afei-

çoando. Passava horas inteiras com ela, a ensinar-lhes versos, cantigas, frases lindas... Nos teatros, nos circos, quando a fazia andar, quando lhe apertava os bracitos articulados, os bracitos frageis, tinha, um estremeção sensual... Havia carne, havia epiderme na voz que lhe tinha destinado... Estava sempre a comprar-lhe vestidos, chapéus, sapatos... Chamava-lhe a «Dona Alma» e beijava-a ás escondidas... Os outros bonecos não viam bem esta preferencia. O ventríloquo punha sempre na «Menina dos caracoes» uma linguagem cuidada, uma linguagem de côrte, reverenciada e discreta... Para eles era o ordinario, o plebeu, eram as frases pesadas, os ditos de mau gosto... Começaram a protestar, a resmungar, a trabalhar de má vontade... Houve um dia em que o «Faz-Tudo» imitou, em falsete, a «Menina dos caracoes»... Quando o ventríloquo deu por isso, já não foi a tempo... O publico ria, como doido, enquanto a «Dona Alma» caía desmaiada das mãos do ventríloquo que se preparava para a fazer cantar uma cançoneta...

O «Toureiro», porem, é quem via com peores olhos, o idílio do ventríloquo com a boneca. E' que êle tambem gostava dela, gostava dela perdidamente, com uma paixão de boneco, cabeçuda e romantica... Justamente, o ventríloquo percebendo tudo, obrigava-o em scena a dizer insolencias á «Menina dos caracoes» que o ouvia com muita inocencia, com cara de quem não percebe... Cansado de tanta humilhação o «Toureiro» resolveu-se um dia a chefiar uma conspiração contra o ventríloquo, uma conspiração em que entravam todos os bonecos, á excepção da «Dona Alma»... E' que já era demais... Agora, mal que saíam da scena, o tirano metia-os a todos numa grande caixa, onde eles enfatiados acabavam por se socarem, enraivecidos ao espreitarem por um buraquinho o ventríloquo a dirigir-se para o quarto do hotel, com a «Menina dos caracoes» debaixo do braço...

Combinaram tudo, Certa noite, no palco, antes de

principiar o espectáculo, enquanto o ventriloquo no camarim, sempre em companhia da favorita, ia vestindo a sua casaca, a sua casaca triste de humilde servo do publico... O «Toureiro», o «Toureiro» de cara farpada e corpo de bandarilha, foi de opinião que se acabasse com êle, duma vês para sempre... O «Faz-Tudo», porem, teve melhor ideia, ideia festivamente acolhida com as gargalhadas de ebano do preto de casaca encarnada... Para que haviam de matá-lo? Podiam muito bem tirar uma desforra mais completa. Ele tinha-os escravizado, tinha reduzido os seus sentimentos a bonecos... Pois bem. Era chegado o momento da vingança. Eles estavam em maioria. Porque o não sugentavam, porque o não desumanizavam, porque não reduziam o ventriloquo a um boneco, porque não ficavam eles a ser os ventriloquos?...

Este projecto foi bem aceite por todos. Apenas o sacristão, contra o seu costume, não ajudou á missa... O pano não subira ainda. O ventriloquo entrou no palco para dar os ultimos retoques na scena e pôz no seu lugar a «Menina dos caracois»... De repente, o Faz-Tudo saltou sobre o ventriloquo, instalou-

se-lhe no pescoço, desengonçado, bamboleante, vencedor... O «toureiro» prendeu-lhe uma das mãos; o «Preto» prendeu-lhe a outra... Sentaram-no numa cadeira, immobilisaram-no, desarticularam-no, substituíram-lhe os tendões por arames, atarracharam-no outra vez, deram-lhe uma expressão idiota, uma expressão mecanica. A um canto do palco, por terra, de braços em cruz, morta, a «Menina dos caracois», era mais do que nunca a «Dona Alma», a pequenina alma do ventriloquo...

Quando o pano subiu, o «Toureiro» avançou até á ribalta, apresentou os seus bonecos, vingou-se amplamente do seu antigo senhor, obrigando-o a dizer as maiores semsaborias... O «Toureiro» veio a ser um dos ventriloquos mais celebres da Europa. O «Faz-Tudo» contratou-se para uma companhia de circo. O «Preto», como o não era de nascença, lavou a cara e fêz-se branco... O «Sacristão» esteve muito tempo sem emprego. Aproveitando os seus conhecimentos, acabou em ventriloquo dum cura...

ANTONIO FERRO



Ilustrações de Bernardo Marques



O sr. conde de Sabugosa, em sua casa, posando para a «Ilustração Portuguesa»

A ENTREVISTA DA SEMANA

O SR. CONDE DE SABUGOSA

Foi numa tarde azul e oiro, d'este incomparavel mez de janeiro que deslumbra a vista e que atormenta os campos, que eu fiz a minha romagem de admiração carinhosa ao palacio de Santo Amaro. Segundo o piedoso costume de alguém que me acompanhava começamos a visita por uma oração na penumbra doce da capela silenciosa, e sendo Deus em toda a parte o dono da casa e ainda mais na casa daqueles que merecem as suas bençãos, cumprimos assim um natural dever de religiosa cortezia.

Levava-me ali o desejo de conversar com o conde de Sabugosa sobre o seu novo livro «A Rainha D. Leonor», expandindo as minhas impressões como um preito caloroso, de tal modo eu posso dizer, em toda a sinceridade, que a leitura desse livro me prendeu e me encantou.

E' um livro de historia e ao mesmo tempo um livro de arte, e que a descripção evocadora se torna pintura no colorido e no relevo, em que as figuras se destacam em linhas esculpturaes e a linguagem, trabalhada e flexivel, veste de elegancia o pensamento.

Ha muito que a figura do conde de Sabugosa se marcou inconfundivel na sociedade e nas letras como um talento superiormente culto e aristocratico, de que é digno este livro, duma erudição que se esclarece de logica, que se aligeira em deducções e comentarios que seguimos com interesse, que nos elucidam desse esforço, e que nos fazem adoptar simplesmente, facilmente, a convicção do auctor. E conclue-se a leitura sem um momento de enfado ou de cansaço.

A Rainha D. Leonor, que a muitos parece uma mulher rancorosa e fria e a outros apagada pela personalidade violenta, inolvidavel de D. João II, illumina-se duma luz mais clara, que a revela senhoril e magestosa, docemente energica, suportando o infortunio sem queixa, seguindo as altas ambições do marido, protegendo e apreciando letras e artes e creando, para os doentes, os pobres e os desprotegidos, obras de tão intelligente bondade que chegam até nós no seu alcance bemfazejo. E a nossa simpatia vae para esse coração de mãe, dolorosamente ferido, que desde a morte do filho nunca mais viveu para a sua propria satisfação. Entendemos o seu amor de mulher, que mais se elevou e purificou no terror da

atmosfera de tragedia em que o destino a fez viver e a que de certo o seu pensamento achava explicação e desculpa na razão de Estado, tão imperioso nesse tempo.

Da suspeita de cúmplice do pretendido envenenamento de D. João II, a Rainha, nos claros raciocínios e nos argumentos e documentos apresentados pelo conde de Sabugosa, levanta-se justificada e inocente não só pelo seu próprio caracter e pela apreciação dos factos que tornavam inverosímil a sua culplicidade, mas porque pelo admiravel estudo de D. Antonio de Lencastre, incluído no livro, mesmo os mais ignorantes no assunto ficam convencidos de que a morte de D. João II foi morte natural, embora prematura, e consequencia perfeitamente aceitavel das circumstancias da sua vida fisica e moral.

E eu procurava dizer tudo isto ao conde de Sabugosa, buscando palavras que revelassem bem o meu pensamento e a minha admiração por esse livro, que é ao mesmo tempo o livro dum historiadore e o livro dum poeta.

Nenhum ambiente mais favoravel para esta conversação de que o palacio de Santo Amaro, em que a personalidade do homem de letras, do artista e do fidalgo erudito se harmonisa com tudo que a cerca. Sente-se tambem n'esse ambiente elevado e espiritual a suavidade da mão delicada duma Senhora, companheira adoravel dum homem superior, compreendendo, admirando, animando a flama sagrada que se chama talento.

O talento, esse dom sublime, que manifestamente vem de Deus, e que é distribuído em misteriosa eleição, muitas vezes sae do meio rude do povo e por isso tem arestas asperas, como joia mal trabalhada, do mesmo modo admiravel, mas que pôde ferir quem lhe toca. Quando o talento, porém, se une em preciosa aliança com uma delicadeza requintada de fidalgo e de poeta torna-se uma coisa *exquisite*.

E a fidalguia portuguesa não deve sentir-se queixosa, nessa eleição Divina, porque em paiz tão pequeno, se pôdem contar, na mesma geração, homens que têm, nas letras e na sciencia, o destaque do Conde de Sabugosa, do Conde de Arnoso, de D. Antonio de Lencastre e de D. Thomaz de Mello Breyner.

A tarde corria, conversava-se, tomava-se chá. O Conde de Sabugosa falava, contava-me o carinho sincero com que desenhara a figura da Rainha D. Leonor; as investigações, os estudos, confirmando sempre a sua ideia primitiva; a psicología das almas ressaltando limpida dos factos e o contentamento profundo da obra conseguida. Confiou-me, gentilmente,

a meu pedido, um volumoso *dossier* com as cartas que lhe foram dirigidas sobre este livro, que impressionou igualmente historiadores e poetas, romancistas e educadores, indiferentes e amigos.

Folheando atentamente essas cartas, li, comovida, as palavras primorosas de Antonio Candido, a grande voz sonora, que se calou saudosa e melancolica. Encontrei os louvores de Lucio de Azevedo, o historiadore consciencioso e de Agostinho de Campos, o educador convicto. Encantou-me uma longa carta de Antero de Figueiredo em que, apreciando os dois aspectos da Rainha D. Leonor atravez da historia, tem estas palavras que definem exactamente a minha impressão: «Qual das duas é maior? Ambas são grandes. Qual das duas foi mais util? A segunda. Qual das duas é mais interessante? A primeira.»

Numa carta de Silva Gaio encontro estas linhas: «...está fixada de vez a fisionomia intelectual e moral da grande Rainha. Não será facil que outra imagem, venha debuxada por quem vier, se sobreponha e prejudique a sua.»

Manuel Ribeiro, essa figura moderna (ou antiga?) de revolucionario e de crente, o auctor pensativo de «A Cathedral» diz tambem: «A Rainha D. Leonor» não é o atestado complacente dum valor virtuoso, é o depoimento leal dum homem de estudo.»

E entre tantos e tantos nomes, que seria longo citar, e entre tantas e tantas palavras valiosas de simpatia, que seria interminavel repetir, copiarei apenas mais estas de Eugenio de Castro, o grande poeta que admiro, e que só um poeta conseguiria encontrar para exprimir o seu sentimento: «Para lhe mostrar as enter-

necidas impressões que me ficaram desse livro, tão lindo, tão português e tão consolador para um coração português, bastará dizer-lhe que depois de o ler mandei logo, como um glorioso presente de anos, a minha Mãe, uma santa velhinha de fino espirito, deante de cujos olhos só me atrevo a apresentar coisas de rara beleza.»

E copiando estas linhas a minha recordação revive, nitidamente, as duas horas passadas na maravilhosa casa de Santo Amaro, essas duas horas luminosas, como um sorriso raro da vida inclemente. Ouço, de novo, a conversação variada e interessante com que o Conde de Sabugosa nos faz esquecer o tempo; revejo o entardecer doirado e as gravuras do «Paço de Cintra», esse livro duplamente valioso e que nunca deve ser esquecido; volto em pensamento, piedosamente, á Capela silenciosa, onde a visita terminou como principiara: por uma oração.



O sr. Conde de Sabugosa no seu gabinete de trabalho

(Clichés Salgado)

MARIA DE CARVALHO



CANÇÃO DE OUTOMNO

No entardecer da terra,
O sopro do longo outomno
Amareleceu o chão.
Um vago vento erra,
Como um sonho mau num somno,
Na livida solidão.

Soergue as folhas, e poussa
As folhas, e volve e revolve
E esvãe-se inda outra vez.
Mas a folha não repoussa,
E o vento livido volve
E expira na lividez.

Eu já não sou quem era;
O que eu sonhei, morri-o;
E mesmo o que hoje sou
Amanhã direi: Quem dera
Volver a sel-o! Mais frio
O vento vago voltou.

1910

FERNANDO PESSOA

Desenho de Cottinell Telmo

ARTISTAS LIRICOS



1—Mademoiselle Alma Bucci, de *Umbria*. Cantora dos concertos Molinari, Gui e Morelli. Em Lisboa cantará a *Elsa do Lohengrin*.

2—Cesare Formichi, um dos interpretes mais celebres do Parsifal.

3—Mademoiselle Maria Capuana, de *Milão*, cantora e pianista, duma família de conhecidos musicos. Em 1919 cantou em Lisboa, com grande sucesso, e ao lado de Tito Schippa, a *Mignon* e a *Aida*, que vai cantar este ano. Deu-nos já uma bela *Brangania*, de que é considerada por toda a Europa uma notabilissima interprete.



4—Miss Cecilia Sturt, de *Londres*, cantora de lieder, cantando em *Florença* por conselho da cantora inglesa *Melba*. Em *S. Carlos* cantou o *Siebel* e vai interpretar uma das primeiras *gilles-fleurs* do *Parsifal*.

5—Mademoiselle Ginevra Pratomolongo, de *Trieste*, 1.^a bailarina, muito elogiada pela critica nos bailados de *Thais*.





COLETTE É O GRANDE NOME DA LITERATURA FEMININA FRANCEZA. ELA É A TRIUNFADORA DO MOMENTO. A SUA PEÇA «CHERI», EXTRAÍDA DO ROMANCE DO MESMO NOME, ESTÁ A SER UM DOS MAIORES EXITOS DA «SAISON». O SEGREDO DA COLETTE É ESTE: ELA FOI A PRIMEIRA MULHER QUE NÃO TEVE O PUDOR DAS SUAS SENSACIONES... A SUA OBRA VIBRA COMO O SEU CORPO. COLETTE É A VERDADE, A VERDADE COLORIDA MAS SEM «BATON»... «SENE», O GRANDE DESENHADOR, DÁ-A COM PITORESCO E FIDELIDADE... AQUELE QUEIXO EM RASPadeira, É DE FACTO O SINETE DO ROSTO EXPRESSIVO DA COLETTE.

AS EXPOSIÇÕES

Leopoldo
de Almeida

Adriano
Costa

Joaquim
Costa

Albertino
Guimarães



Alberto
de Lacerda

Fernando
dos Santos

Alberto
Sousa

Alberto Sousa. *Casa quinhentista (Viseu)*

De ano para ano, este grupo aumenta. Começaram-se bem me lembro, por ser quatro, com Teodósio Ferreira. Veio depois Alberto de Lacerda. O ano passado desistiu aquele, e juntou-se-lhes Albertino Guimarães. Agora agregou-se-lhes o escultor Leopoldo de Almeida, que é o primeiro no catálogo.

No catálogo e no interesse, porque são das que mais atenção merecem as suas obras, como o busto da *Gigi*, que, quando exposto na escola, não passou despercebido.

Se não me engano, veem ainda dessa escolar exposição o *Negro*, *Desejo* e *Cristo no horto*.

De novo, há uma placa com a cabeça de Cristo, um tudo-nada académica, e, de muito esperançoso,

um *Baco* exuberante—mais Sileno que Dionísio—e o gesso da *Desilusão*, que tem linhas agradáveis, graciosas até demais para o tema acabrunhador, sobretudo na leve maneira como a desiludida pouisa as mãos sem abandono.

Estreante a bem dizer, Leopoldo de Almeida revela apreciáveis qualidades. Falta-lhe integrar-se com mais vigor e largueza, se acaso puder, na escultura do seu tempo. Carece de reagir, esforçadamente, contra a sua tendência para o bonito. Precisa desacademizar-se o mais possível, sob pena de amaneiramento em breve prazo.

Quanto aos pintores, pouco há que dizer.

Joaquim Costa, que prometia, começa a cansar-nos com os seus interiores da Sé, a sua



Albertino Guimarães. *A Doca (poente)*

ubiqua *Tascôa*, o seu Queluz e as suas rosas. Conventionalíssima, a *Caridade* não passa duma barata-salgueirice como muitas, apesar do enlevo que, vê-se, o pintor lhe dedicou.

De Albertino Guimarães, ha a apontar a *Trovoada* e *A Docca* (*poente*), esta muito feliz.

Adriano Costa tem umas *Salinas* e uma *Madrugada* na Praia das Maçãs.

Alberto de Lacerda, com vários retratos a oleo e a carvão, não é um retratista.

Fernando dos Santos compoz com evidente carinho a scena *Peças antigas*, onde uma velhota, de lenço de caramujos, mexe em faiança. Reconhecem-se os efeitos e os contrastes que o artista quis tirar dos esmaltes das vasilhas e do branco dos cabelos da anciã. E' um quadro entrevisto por um pintor, mas que, para não descambar no artificio e no arranjadinho, só um grande pincel podia

da *Tarde*, talvez em demasia espelhenta, dentro do novo processo adoptado.

II — ALBERTO SOUZA

Proseguindo tenazmente a sua campanha de arte ologo-aguarelista, com sede official de expositor nas ruínas do Carmo, Alberto Souza deu-nos, pela quinta vez, a folhear algumas novas paginas do album paciente e minucioso que, aproveitando habilmente os seus dotes, ele anda organizando, há annos já, com pleno successo de venda e vantagens para a propaganda dos monumentos e motivos architectónicos, felizmente ainda numerosos



Alberto Souza. *A Calçada dos Barcos*

por esse lindo país fóra. Sereno, voluntarioso, Alberto Souza é um pintor que tem a seu favor o não se preocupar com a multidão.

Aponta na rua, á mercê do rapazio e da basba-



Leopoldo d'Alneida. *Desilusão*



Joaquim Costa. *Caridade*

tentar. Outros trabalhos, de menos folego, correspondem melhor aos seus recursos. *Terras de fogo* e *O lago do Jardim* são duas manchas agradaveis e ainda a *Luz*

queira, quasi com a mesma tranquilidade com que trabalha no «ateliê».

Isso lhe tem permitido colher aspectos, cujas con-

dições do bulício e evidencia apresentam, de ordinário, outras sensibilidades mais vivas, das que é vulgar encontrar nos artistas.

Como documento a sua obra tem de ficar. A's falhas que, de quando em quando, se lhe possam notar, sobrepõe-se o interesse informativo, divulgador, que as orienta e na grandemaioria as farão estimadas, quando outras, talvez mais brilhantes, se hajam esquecido.

Há dois anos, mostrara-nos Chaves, Guimarães, Porto, Bragança, Alcobaca. Vieram depois Coimbra, Évora, Buarcos. Agora coube a vez a Vizeu, como cidade, e, como praia, é Ericeira.

A Vizeu do Grão-Vasco está representada por nove aguarelas, entre as quais sobressaem a *Janela na Rua de Don Duarte* e *A Capela dos Remedios*. Da Sé, há um grande *Interior* e um *Aspecto ao pôr do sol*—a hora do domador! Vêem-se ainda o *Arco dos Cavaleiros*, uma *casa quinhentista na Rua Escura* e o *Mercado*, que vai, com a primeira, as vistas da catedral e a *Casa de Roda*, para o museu vi-iense.

Na Ericeira, não se pode dizer que Alberto Souza descansasse. O seu verão foi fecundo, pois trouxe de lá nada menos de dezoito cartões, fora mais um, de contrapêso, *Interior de loja*: uma tenda bem sortida de côres, onde não sei se o aguarelista quiz fazer partida ao merceiro, incluindo-lhe os géneros nas velharias, ou se, em vista da carestia dos viveres,

pretendeu equiparar os comestíveis a preciosidades monumentais.

A não ser que Alberto Souza siga o nome dum certo pintor inglês, que, em todas as suas exposições, apresentava um quadro escrupulosamente detestável, para que nele se concentrassem, em benefício dos mais, os reparos dos visitantes.

Felizmente, é um pequeno caixilho, a que o autor deve ser o primeiro a não ligar importancia.

São da Ericeira as duas rigorosas marinhas *Rochedos na praia do peixe* e *Calçada dos barcos*, este ultimo, uma das melhores.

Da Ericeira destacam-se ainda algumas notas garridas e pitorescas: *Torre sineira da igreja de São Pedro*, *Largo da Anadia*, *Travessa das Ribas*, *Rua das Eiras*, *Rua de trás dos Currais*, *Rua da Camara*... *Efeitos do luar* (n.º 4).

Salpicam esses dois conjuntos uma *Porta da Sé* de Braga, a *Sala dos actos privados* da Universidade de Coimbra, um curioso apontamento de Olhão, a *Feira de São Lourenço*, em Beja, e o desenho eborense da *Casa do Morcego na Rua da Selaria*, que a picareta devorou.

Lisboa tambem lá figura, com o sobrecarregado *Interior dum bricabraque* e com uma *Feira da Ladra*, que não é das mais interessantes.

MANOEL DE SOUSA PINTO



Um dos quadros mais notaveis da exposição

ACTUALIDADES



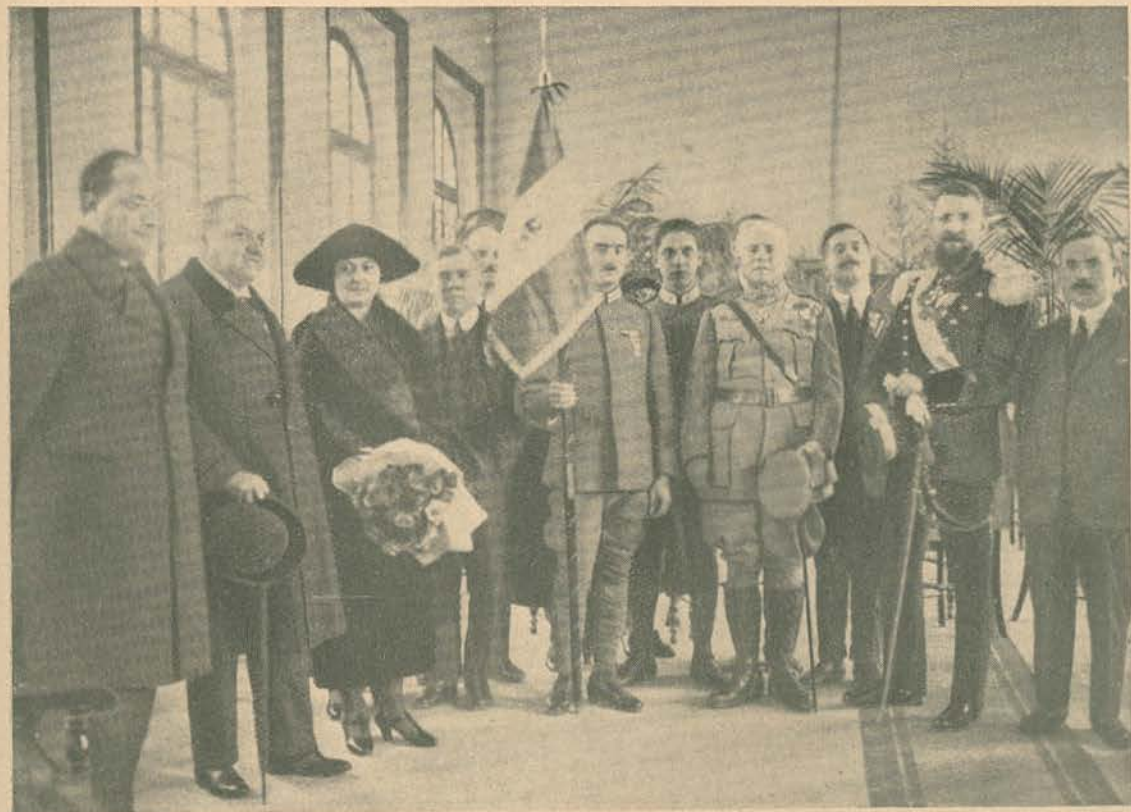
No Sul e Sueste. O sr. Plínio e Silva, novo director, visita as oficinas do Barreiro



No Sul e Sueste. Alguns operarios, por ocasião da visita do novo director



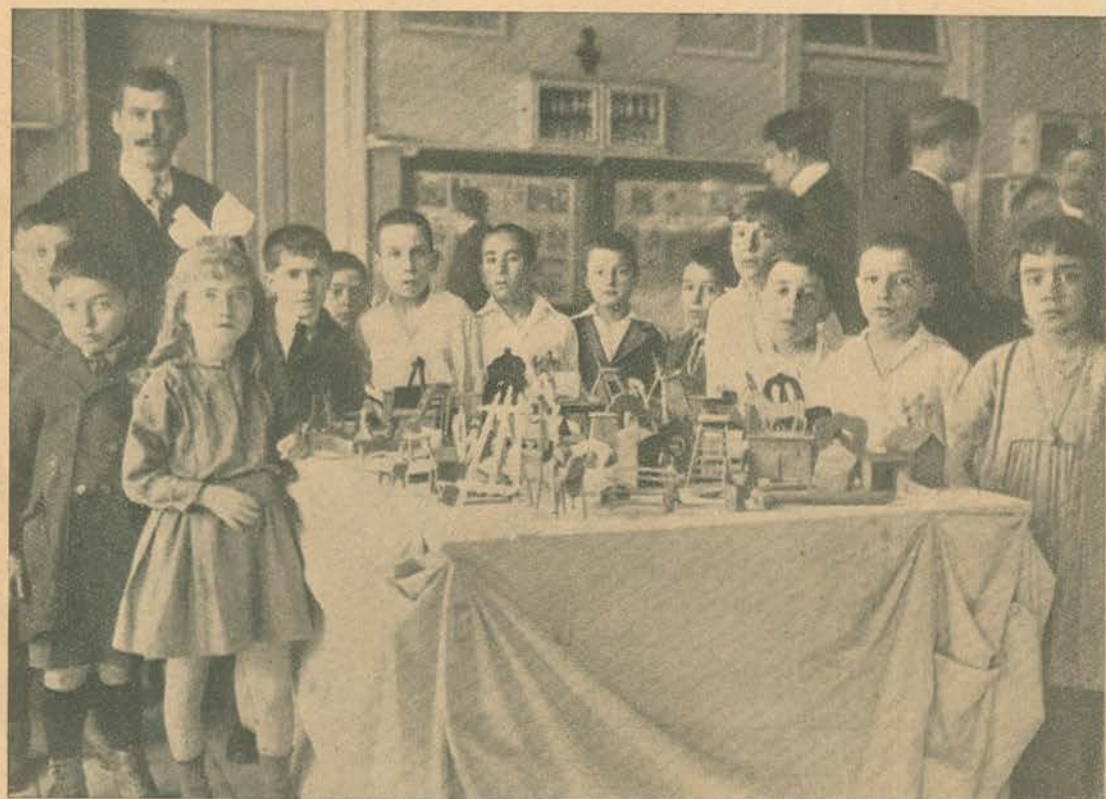
O tricentenário de Molière. A recita no Teatro Nacional



Os srs. ministro da Italia e general Hipolito na sessão de homenagem ao oficial italiano Fulcieri di Calboli



Cantina Escolar da Pena. Um grupo de crianças, por ocasião do bazar em favor do cofre da Cantina



Escola Ojicina n.º 1. Exposição de trabalhos manufaturados pelos alunos



No Asilo Maria Pia. Os alunos da oficina de torneiro em madeira, trabalhando na presença do sr. ministro do trabalho



O pintor Carlos Porfírio que expõe no salão da Ilustração Portuguesa



O sr. David da Costa, um amigo dedicado do Seculo, que, por varias vezes, tem defendido o nosso jornal

OS LIVROS DA SEMANA



João Ameal

OS OLHOS CINZENTOS por João Ameal. — João Ameal, o admirável e moço cronista de «O que os meus olhos viram...» e da «Semana de Lisboa» — lembrando certas crônicas suas um colorido esmalte japonês em que a serenidade azul do céu é, de onde a onde cortada pela esveltesa gracil dum vôo de azas, João Ameal que é nas suas crônicas um fixador de instantes, quiz também ser um fixador de almas e lançou agora no mercado «Os olhos cinzentos» — a sua primeira novela.

Ainda que a nossa literatura hoje, não fosse, como é, tão pobre de prosadores. «Os olhos cinzentos» não deviam, não poderiam passar sem um interesse marcado do publico e uma referencia larga da critica.

Um pouco á maneira do espanhol Antonio de Hoyos, revela um original e interessantissimo temperamento de novelista moderno, requintado e *esquisito* no traçar das figuras que são — ele o diz no seu desassombroso e lucido prefacio — tatuadas de appetites, de maquiagens e de heroismos.

É, melhor do que eu saberia fazer-lo, Ameal assim no-los apresenta: — «Cirilo Almar é o civilisado victorioso, o civilisado aperfeiçoado e inteligente até ao grau mais difficil, o civilisado egoista e sceptico que domesticou a vida, como um reptil, sob as suas mãos enludadas e esbeltas.

Florença de Liz é a *alumense* inevitavel dos meios contemporaneos, a mulher que exaspera como um coleio de serpente e que tem sempre á flor dos olhos as promessas ruivas e diabolicas. Godofredo Malafaia é o civilisado incompleto, mutilado, com transigencias ainda primaveris na sua sua sensibilidade exagerada.»

O escritor fala-nos ainda de algumas novelas ineditas. Uma a

Religião do espaço, que eu conheço mercê da camaradagem sempre tão correcta e invulgarmente leal do moço artista da prosa m'o haver proporcionado, tem uma figura de mulher, preversa e estranha, delineada por mãos de mestre, duma precisão e duma nitidez singulares.

Dentre as belas frases que «Nos olhos cinzentos» o seu talento esculpiu, eu quero destacar estes dois periodos: «Sofrer — é viver até ao fundo dalma.»

Que maior sensualismo existe do que o largo, o magestático sensualismo barbaro da Dor?»

ABANDONO — versos — por Arnaldo Forte. — Dos cinco trabalhos publicados pelo autor trez estão esgotados. Felicítamo-lo sinceramente por isso. Deve ser uma das maiores alegrias para toda a gente ver o seu esforço premiado pelo favor do publico. E, ainda desta vez, não ha razão para que a mesma simpatia deixe de o acompanhar, visto que Arnaldo Forte no seu «Abandono» se mantem exatamente o mesmo dos seus outros livros. Ha até uma *Oração* extraída do Luar de Outono publicado em 1912 e que não se distancia absolutamente nada das outras composições do livro.

Apezar do poeta já ter dobrado o cabo tormentoso dos trinta, as suas musas conservam a mesma adolescencia, a mesma frescura dum primeiro livro de versos.

Felizes musas que não conhecem a tragedia de envelhecer — a maior de quantas tragedias Deus distribuiu aos mortais, neste vale de lagrimas. Eu ainda começo a contar os meus anos por vinte, e já o terror das horas que passam inutilmente me toma, e confrange o coração.

Se quizeres ter genio escreve com o teu sangue é uma sentença cruel mas verdadeira e humana.

Afigura-se-nos que Arnaldo Forte, acha isso uma massada e só lá de longe a longe uma restea de sincera emoção lhe beija os versos.

Transcrevemos da *Pousada da Saudade* duas estancias em que ha efectivamente certa saudade e uma ligeira ternura:

Meu lar! O que fizeste á festa que em-
ba'ava
Meus sonhos de creança? A' vida que
sorria?
E que é do bando dos célfellos que
cantavam?
E que fizeste á Paz que no meu lar
havia?!

O que é do linho branco, adamascado
Da minha meza?
Linho teado e perfumado
Onde comia toda a pobreza?!

PÃO DO EXILIO — escrito que foi durante o desterro e seu caminho, na Ilha da Madeira,



Salema Vaz

Cidade do Funchal no ano de MCMXIX por Salema Vaz.

O auctor divide o livro em duas partes — «d'Aquem e d'alem saudade» e «Sonetos da minha devoção.»

Dos volumes de versos que Salema Vaz de ha anos para cá vem publicando deve ser este o seu preferido e, por isso, lamentamos não poder elogia-lo.

O poeta viu tudo atravez da nevoa da sua saudade e da sua melancolia e em certas paginas alguma coisa delas ficou.

Ha, porem, nos seus versos um desiquilibrio enorme; uma ou outra nota interessante, que por ventura contenham, é afogada em versos inferiores tão difficéis de ler como a Cristo seria custoso levar a sua cruz ao Calvario.

A Sinfonia I abre com a melhor estancia do livro e gostosamente a transcrevemos — rasga uma clareira de esperanza na nossa decepção:—

Assim te qu'ro ó minha Bem-Amada!..
Nua como a verdade! Et. nadorã
Com o um fructo defeso!
Teu corpo excelso, ó Virgem nacarada,
E' uma prisão enantadora
On e eu me quero preso!..

Mas imediatamente continua:

Algebra-me com teus braços
(como a um ladrão!)
Que para os criminosos e devassos
Não ha perdão!..

E assim por diante.

A edição luxuosissima traz uma capa do pintor Antonio Soares.

Augusto de Esaguy enviou-nos o seu manifesto modernista sobre os Novos e a Sociedade Nacional de Belas Artes.

A. D.

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiromante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fizio-logia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias uteis, das 11 da manhã ás 7 da tarde em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.
Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinhelro.
 Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 20 centavos p. r. a resposta.
Caixa da Patriarcal, D.º 2, 1.º, 1.ª sq. (Canto da rua d'Alegria, predio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

Preço: 20 centavos

Alfaiataria Cabral

DE

Manuel A. Cabral & C.ª

Fazendas de novidade para verão.
 Confecções para homens e senhoras

R. do Ouro, 170, 1.º

Telef. C. 3060 — LISBOA



Machina de escrever HAMMOND "MULTIPLEX"

A unica que ESCRIVE EM MAIS DE UM TYPO DE LETRA, mudança que faz em um segundo
 Nenhuma ha mais PERFEITA, mais COMPLETA, mais RESISTENTE e ECONOMICA.

Depositarios exclusivos: Gilman & Gilbert
 130, RUA DA PRATA — LISBOA

TONICO FORMIOL MUSCULAR
 (REGISTADO)
MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,
 afeções nervosas, suores noturnos, prostração fisica, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatisimo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao sport tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 4\$00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª, rua de Santo Antonio, 50. Africa Ocidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros, Benguela; Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmão.

M. M. Tula

(Campo Grande, 264, 2.º — LISBOA



Consultas de atrasos de vida, desarmonia no lar, negocios, mal de que não conhecem a causa, inimizades, sofrimentos fisicos ou moraes e qualquer assunto de natureza reservada 10 15, 20 escudos cada consulta.
 Por correspondencia junta r mais um escudo de taxa de escripto.

Trabalhos só por bem
 Tratamentos magneticos
 Consultas das 15 ás 13

Trabalhos tipograficos

NUM DO SECU O, 43 — LISBOA



O RADIADOR

de maior aquecimento e de
menor consumo de corrente

Gasta 1,5 ou seja cêrca de 26 centavos por hora. Aparelho muito elegante em cobre nickelado, com reflector parabolico, distribuindo muito bem o calor.

ESCUDOS 135\$00

ELETRIGIA

Santa Justa, 87

ESQUINA Arco Bandeira

LISBOA

JÁ TEMOS PILHAS!...